

**CASTILLO, José M. *A humanidade de Jesus.*
Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes,
2018. 130p. 13,5x21 cm. ISBN 978-85-326-
5578-3.**

José Maria Castillo (nasc. 1929) é doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Foi professor na Faculdade de Teologia de Granada (Espanha), na Universidade Centroamericana José Simeón Cañas de El Salvador, e convidado da Universidade Gregoriana da Roma e da Pontifícia Comillas de Madrid. Fundador e membro da Associação de Teólogos e Teólogas João XXIII. Tem numerosas publicações na área de Cristologia, Eclesiologia e Espiritualidade.

A humanidade de Jesus é um texto feito desde uma perspectiva crítica a partir da pergunta: é Jesus e seu evangelho o centro da Igreja? A pergunta não é casual, pois algumas ênfases morais e teológicas, fundamentadas na pregação paulina, distanciaram a Igreja da vida, pregação e humanidade de Jesus presente nos evangelhos, do qual o autor (A.) oferece diversos argumentos.

O texto, embora crítico, está dirigido aos cristãos católicos, aos homens e mulheres de fé que desejam compreender as crises que atravessam a Igreja por causa do esquecimento do Jesus, de seu projeto de vida, de sua pregação, de sua humanidade. Castillo anima constantemente a voltar a Jesus como referência central da vida de fé, pois Ele é o ponto de referência para continuar a caminhada na Igreja. A obra, embora empregue uma terminologia técnica, tem uma linguagem acessível, mas que deve ser lida reflexivamente.

O livro consta de nove capítulos, nos quais se propõe resgatar a esquecida humanidade de Jesus. Inicia destacando a humanidade no fenômeno humano e religioso, para depois abordar a centralidade que adquire a humanidade no cristianismo a partir da vida de Jesus. Posteriormente, o A. considera o afastamento de Jesus e sua humanidade dentro da dinâmica atual da Igreja e rastreia onde encontra-se a sua origem.

Seguindo pausadamente o texto, no capítulo primeiro, "O humano como ponto de partida", Castillo aborda o fenômeno religioso e dá ênfase na dissociação sagrado e profano, onde a humanidade é associada ao profano, deixando de ser o "ponto de partida para interpretar e viver nossa existência terrena" (p. 15).

No segundo capítulo, "O que nos faz humanos?", o A., desde uma perspectiva fenomenológica e etimológica, responde que o que nos faz humanos é essa capacidade simbólica de expressar, comunicar e de fazer cultura, que adquire plenitude se ela se assume desde a fértil humildade do substrato, aberto à vida, pois o humano associa-se etimologicamente ao vocábulo latino *humus*. Castillo dá a entender que o que nos faz humanos não é algo desprezível.

Com o título "Encontrar Deus em nossa humanidade", no capítulo três lembra que falamos de Deus desde nossa imanência; que no cristianismo, partindo da revelação de Jesus, Deus feito homem, a realidade é homogeneizada, a dissociação sagrado e profano não tem lugar, pois na humanidade se fez presente Deus. Mas o A. pergunta-se pela origem desta dissociação entre o sagrado e profano que se encontra presente na Igreja. Para dar resposta a esta questão no quarto capítulo, "O problema começou com Paulo", se reflete sobre a influência do apóstolo missionário na Igreja primitiva como fato determinante. Ele, como judeu e o único apóstolo que não conheceu Jesus, falou dele desde sua experiência com o ressuscitado, posteriormente associado com o todo-poderoso, esquecendo sua humanidade. Desde esta perspectiva a dualidade sagrado profano tem lugar.

No quinto capítulo, "Jesus e Paulo", Castillo faz um contraste entre a ética de Jesus e a moral de Paulo. Paulo em sua pregação deu prioridade à pureza, enquanto Jesus pregava a salvação do sofredor. O A. percorre algumas consequências de tal dicotomia e a presença de Paulo na herança moral e teológica da Igreja.

"Paulo e a religião" é o título do sexto capítulo, no qual se indica que a partir da herança paulina a Igreja ordenou-se mais conforme a um esquema religioso (sagrado-profano) que ao Evangelho: "os ensinamentos de Paulo estão mais presentes e são mais determinantes em dois âmbitos capitais da religião cristã: na estrutura da teologia, sobretudo como doutrina e 'mensagem de salvação', e na prática dos 'rituais religiosos'" (p. 66). Ante esta realidade, chama a resgatar a ética de Jesus, única perspectiva desde a qual a vida e a dignidade humana podem ser plenamente entendidas e dignificadas.

No sétimo capítulo, "Paulo e a Igreja", retoma-se o discurso da centralidade de Paulo na Igreja, sobretudo na figura histórica que assumiu no cristianismo. No capítulo oitavo, como seu título o sugere, "Igrejas com mais religião do que humanidade", o A. sublinha que a Igreja preferiu a moral paulina aos ensinamentos de Jesus. A Igreja, a partir de Paulo, assume uma estrutura religiosa, com suas dissociações do sagrado e

profano, leis e ritos culturais, enquanto Jesus convida a relacionar-nos com Deus por sua misericórdia.

No nono capítulo aborda-se a mais radical consequência do esquecimento da humanidade de Jesus, que bem recolhe o título, "De Jesus ao descrédito do 'ser humano' ". A distorção religiosa inverteu paradoxalmente a humanidade-sagrada no profano, valor totalmente oposto ao pregado e vivido por Jesus. Por último Castillo levanta na conclusão uma pergunta imperativa: "Quem ocupa realmente o centro da Igreja? Jesus e seu Evangelho ou Paulo e sua teologia?" (p. 125), e a ela não dá resposta, permitindo que o leitor faça suas próprias conclusões.

Vale destacar que o A. aborda com maestria a temática, a qual se conecta com sua obra anterior: *A Ética de Jesus*. Desde a perspectiva histórico-crítica, o A. não tem por objetivo o desprestígio de Paulo e sua influência na história e vida da Igreja, conclusão a que um leitor descuidado poderia chegar. Mas Castillo é reiterativo em resgatar a humanidade de Jesus a partir dos evangelhos, seu projeto de vida, que leva ao compromisso com os sofredores, com a dignificação de homens e mulheres, e a partir de Jesus configurar a vida e a expressão da vida cristã.

Leonardo Enrique Gamboa Leon